

ARTIGO

MULHERES + VENDIDAS: 21 ANOS DE PRESENÇA FEMININA NAS LISTAS DA VEJA

Eliane Hatherly Paz¹

Resumo

Este artigo expõe o resultado de pesquisa quantitativa nas listas anuais de livros mais vendidos da *Veja* ao longo de 21 anos. Nosso objetivo, neste primeiro momento, foi dimensionar a presença de escritoras, brasileiras e estrangeiras, no ranking. Tendo o sociólogo francês Pierre Bourdieu como norte teórico, partimos da hipótese de que o poder de nomeação exercido pela revista *Veja*, próprio ao campo jornalístico, produz interferências no campo literário, já que pela explicitação de um lugar consagrado, literatos passam a ocupar uma posição privilegiada em relação a outros autores desse campo. A análise dos dados coletados nos anos 2000 a 2020 demonstrou que, além de disputar visibilidade com escritores nacionais, as escritoras brasileiras também competem, e em desvantagem, com suas colegas estrangeiras. Além disso, uma análise dos títulos publicados buscou retratar a temática produzida por essas escritoras, assim como as preferências dos leitores em cada uma das quatro categorias. Nossa conclusão é que, se esse ranking chegou à maioria no terceiro milênio, o mesmo não se pode dizer da presença de escritoras em nenhuma das quatro categorias contempladas pelas listas: ficção, não ficção, autoajuda e esoterismo, e infantojuvenil. Por conseguinte, deduz-se que o campo literário brasileiro de best-sellers é, ainda, predominantemente masculino.

Palavras-chaves

Escritoras e campo editorial; Best-sellers e visibilidade; Revista *Veja* e Consagração literária.

1 Doutora em Letras (PUC-Rio); eliane.h.paz@gmail.com

Resumen

Este artículo expone el resultado de la investigación cuantitativa en las listas anuales de bestsellers de *Veja* durante 21 años. Nuestro objetivo, en este primer momento, fue medir la presencia de escritoras brasileñas y extranjeras en el ranking. Teniendo como guía teórica Pierre Bourdieu, partimos de la hipótesis de que el poder nominativo que ejerce la revista *Veja*, propia del campo periodístico, produce interferencias en el campo literario, ya que por la explicación de un lugar consagrado, las literaturas comienzan a ocupar un lugar privilegiado en relación a otros autores en este campo. El análisis de los datos recolectados en los años 2000 a 2020 mostró que, además de competir por la visibilidad con los escritores nacionales, las escritoras brasileñas también compiten, y en desventaja, con sus colegas extranjeras. Un análisis de los títulos publicados buscó retratar el tema producido por ellos, así como las preferencias de los lectores en cada una de las cuatro categorías. Nuestra conclusión es que, si este ranking alcanzó la mayoría de edad en el tercer milenio, no se puede decir lo mismo de la presencia de escritoras en ninguna de las cuatro categorías cubiertas por las listas: ficción, no ficción, autoayuda y esoterismo, y niños y jóvenes. Por tanto, parece que el campo literario brasileño de bestsellers sigue siendo predominantemente masculino.

Palabras-claves

Escritores y campo editorial; Best-sellers y visibilidad; Revista *Veja* y Consagración literaria.

Introdução

Há pelo menos 50 anos, *Veja* publica listas de livros mais vendidos no Brasil, nomeando explicitamente os autores que podem ser considerados best-sellers. Há, portanto, em suas páginas, uma consagração expressa daqueles que passam a ser reverenciados em relação aos demais produtores do campo literário.

Enquanto conceito, *best-seller*, além de gênero literário, é primordialmente uma condição comercial – e temporária – de determinada obra/autor. Nesta pesquisa, cujo objetivo não é, de modo algum, fazer análise desse gênero literário, privilegiamos o percurso das obras e de seus autores pelas listas de mais vendidos de *Veja*, cuja metodologia para o cômputo de seus títulos baseia-se em elencar os mais comprados nas livrarias que lhes fornecem os dados, sem, contudo, divulgar a quantidade total vendida por obra.

Veja foi a primeira revista de alcance nacional a ter uma lista de livros

mais vendidos. O semanário, que estreou com uma tiragem de 700 mil exemplares, chegou ao ano 2000 imprimindo 1.344.000 unidades, como informado na edição de 05.01.2000, que somava 144 páginas. Em janeiro de 2018, a revista imprimia 913.756 exemplares, 32,0% menos que o volume de 2000. Em 13.01.2021, quando foi publicada a última lista desta análise, a revista havia encolhido para 100 páginas, e já não divulgava sua tiragem desde 2019. Lançada em 11 de setembro de 1968, *Veja* trazia na página 136 um rol dos 6 títulos que chamaram a atenção dos leitores na semana anterior. Nenhum deles de autoria feminina, vale destacar. Nessa lista, ainda sem página fixa, a quantidade de livros variava imensamente, e antes de desaparecer por quatro anos, seu último ranking, de 2 de abril de 1969, arrolava apenas 3 títulos.

O retorno das listas semanais se deu em 6 de junho de 1973, mesmo ano em que *Veja* passou a publicar listagens anuais dos 10 livros mais vendidos. Estas circularam entre 1973 e 1978, desaparecendo por 20 anos. O ranking anual voltou, ininterruptamente, a partir de 1999, e neste terceiro milênio alcançou sua maioridade. Na ocasião, uma análise do subeditor Carlos Graieb (*Veja*, 15.12.1999, p. 215) trazia o depoimento de Pedro Paulo de Souza Madureira, editor do grupo Siciliano, de que a lista da *Veja*, “referência no Brasil”, devia sua importância “à tradição e à confiabilidade do veículo em que ela é publicada”. Tal confiabilidade era, financeira e simbolicamente, palpável: “estar na capa da *Veja*”, sendo escritor(a), era garantia de vendas elevadas e de consagração no campo cultural. Atualmente, a lista da *Veja* é uma das duas sobreviventes do desaparecimento de editoriais culturais na imprensa na última década, e, apesar de sua influência ter diminuído sobre o público geral, continua sendo a métrica de sucesso para os diversos agentes do campo, ao qual as livrarias – leia-se pontos de venda – de todo o Brasil têm acesso.

Nesses pouco mais de 50 anos de existência – completados em setembro de 2018 –, as listas semanais da *Veja* tiveram sua base de dados – o número de lojas que informam seus títulos mais vendidos – ampliada enormemente. Composta atualmente por 164 livrarias (independentes, pequenas, de rede) presentes em 86 cidades (destas, 24 capitais mais o Distrito Federal) e 14 plataformas de e-commerce (*Veja*, 26.05.2021, p. 223), as listas de *Veja* são uma amostra diversificada do comércio livreiro, presente fisicamente em 985 dos 5.570 municípios brasileiros (IBGE, 2018).

Voltando às listas, inicialmente divididas entre Ficção e Não Ficção,

em 1999 foram acrescentadas da coluna Autoajuda e Esoterismo e, em 2016, da Infantojuvenil. Ao todo, 680 títulos retrataram as preferências dos leitores brasileiros de 2000 a 2020, disputando ponto a ponto uma posição entre os 10 mais vendidos em cada categoria por semana. Muitas mudanças podem ser observadas nessas pouco mais de duas décadas: evolução no layout, o acréscimo de cada vez mais dados das obras para melhor informar os leitores (editora, tempo do título na lista, evolução dentro do ranking), o aumento do número de livrarias que servem de fonte para a quantificação das vendas e a criação de uma versão digital do ranking (onde são listados não 10, mas 20 títulos mais vendidos em cada categoria). Porém, uma característica praticamente não se altera: a baixa representatividade da escrita feminina entre os best-sellers.

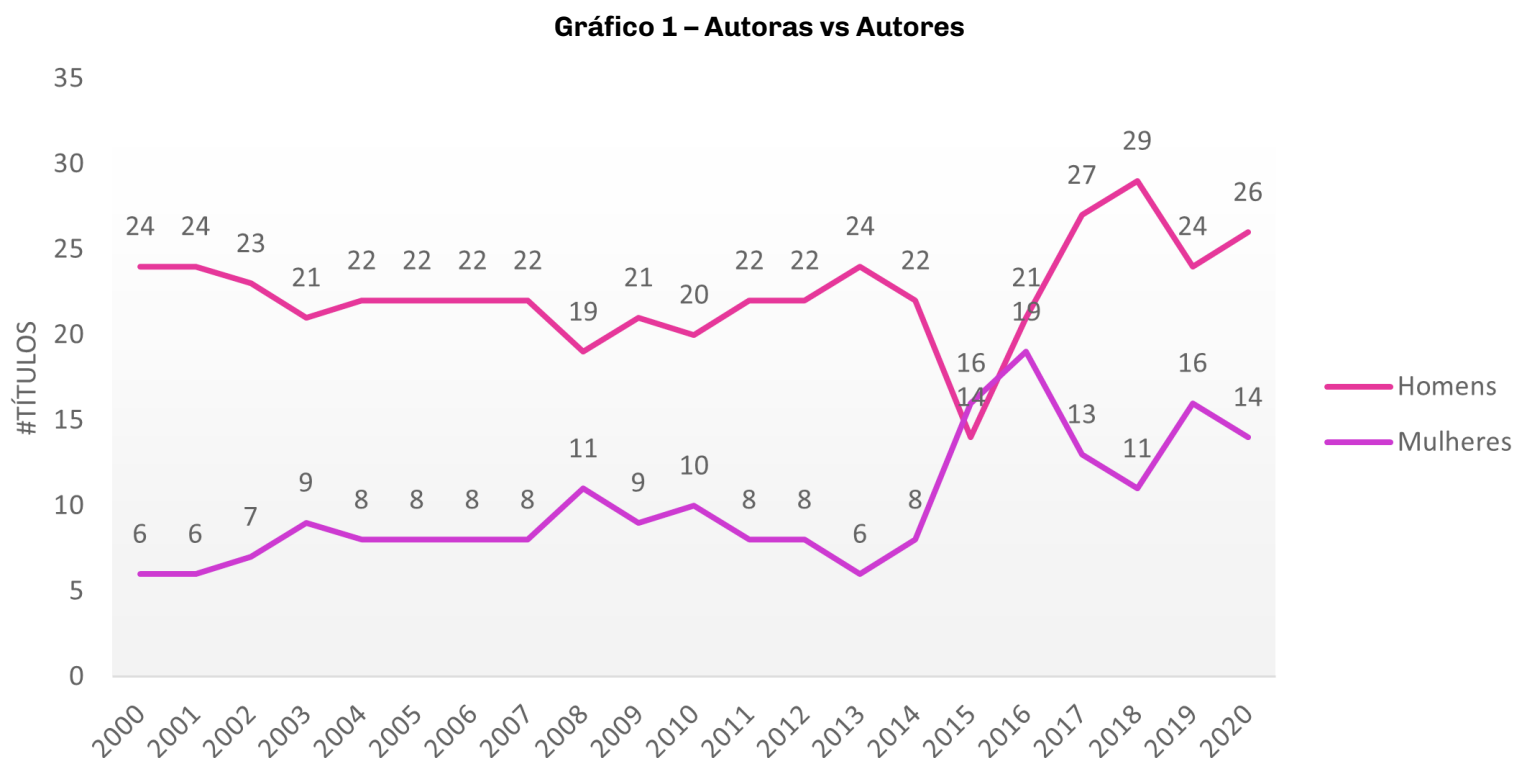
Em toda a história da revista, apenas 11 edições dedicaram sua capa a escritores. Somente uma estampou uma mulher. Ao contrário de seus colegas, porém, que ocupam todo o espaço visível, sangrando a capa, impactando o leitor e chamando sua atenção ao passar pela banca de jornais, o retrato dessa única escritora aparece quase que como uma concessão, em meio à logo, à imagem principal e à profusão tipográfica da chamada (*Veja*, 03.03.2004). Tal fato contrasta com a presença massiva de mulheres nos bastidores do mercado editorial, “onde sempre houve um grande contingente de trabalho feminino”, como é notório para quem já circulou neles, e como expôs a ex-sócia da editora Marco Zero, Maria José Silveira, em coluna no PublishNews de novembro de 2015. Contribuindo também com seu ponto de vista de escritora – Silveira é autora de dezenas de livros e foi Prêmio Revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte com seu romance de estreia, em 2002 –, ela expõe (e agora no sentido de “tornar público” adotado pelos movimentos femininos dos últimos anos) que persiste, ainda hoje, “um tipo de preconceito, especial, nublado e corrosivo (...) exercido com bastante inconsciência” no meio. Vale dizer, um comportamento “machista e misógino” em relação à escrita e ao trabalho editorial feminino.

A história da literatura, aliás, é cheia de exemplos, sendo significativo que o Nobel de Literatura, prêmio máximo do campo, tenha consagrado, em 113 edições, somente 16 autoras, ou 13,7% dos laureados. O fato de 10 terem sido premiadas apenas nas últimas três décadas indica, porém, um avanço – mesmo que lento. Da mesma forma o Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o maior prêmio literário brasileiro,

laureou 116 escritores e 19 escritoras – 16,4% dos vencedores – na categoria Romance Literário, em 62 anos.

Essa baixa representatividade perpetua o círculo vicioso da invisibilidade literária feminina – menos publicação, menos divulgação, menos prêmios, menos leitores –, aumenta o desconhecimento sobre o que as mulheres têm a narrar, silencia suas experiências e mantém as mulheres à margem do campo literário. O que Bourdieu (2019) classifica como “violência simbólica”, que perpetua a ordem estabelecida de dominação, privilégios e injustiças. Campo este onde predominam obras redigidas por autores, em que o cânone é quase que exclusivamente masculino, em que escritoras tiveram – e ainda têm – que usar pseudônimos para ver suas obras publicadas.

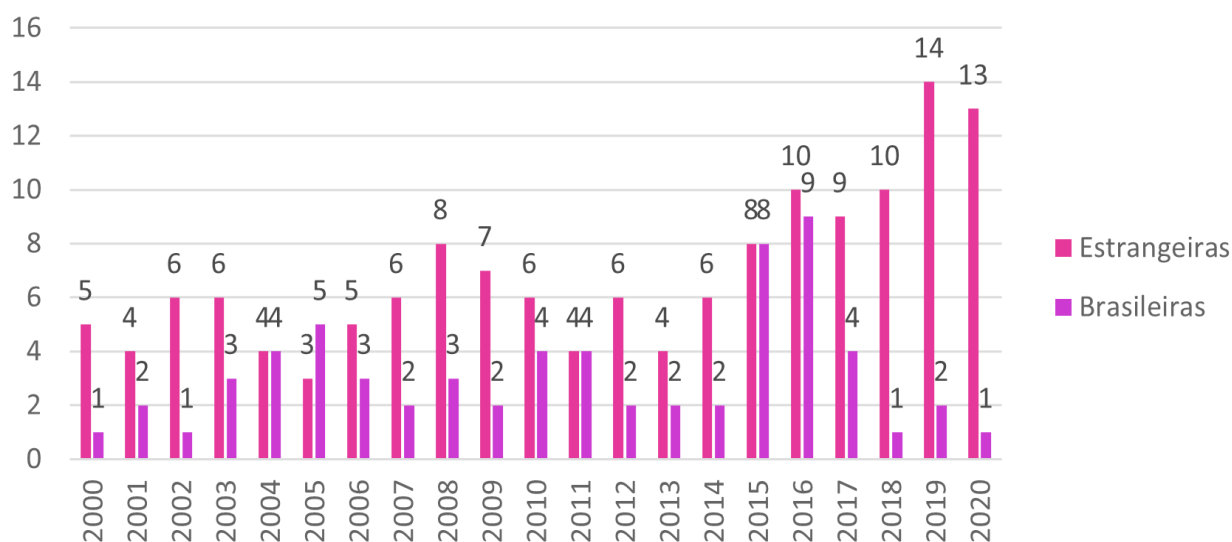
Elencando e analisando os dados coletados em 21 anos – que totalizam 68 listas anuais –, constatou-se que a presença de autores no ranking é quase duas vezes e meia maior que a de autoras (brasileiras ou estrangeiras). Ou seja, 471 títulos contra 209. Em números percentuais, 69,3% do que foi publicado e chegou às listas de best-sellers foi escrito por homens, contra 30,7% de mulheres. Os dados a seguir demonstram essa disparidade ano a ano (gráfico 1):



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Com relação à colocação no decálogo do sucesso, ao longo das 21 listas anuais de *Veja*, escritoras ocuparam 18 vezes o 1º lugar, em oposição aos 50 escritores que alcançaram o topo das listas de best-sellers. Nas quatro categorias aqui analisadas, mulheres foram #1 em Ficção (8 vezes), Não Ficção (5), Autoajuda e Esoterismo (3) e Infantojuvenil (2 vezes). Um dado importante: em 5 das 8 vezes que uma escritora ocupou o 1º lugar em Ficção, o protagonista era masculino: Harry Potter. Escritoras brasileiras, além de disputarem visibilidade com seus patrícios, também competem, e em desvantagem, com suas colegas estrangeiras: estas participaram com 144 títulos (68,9%), distribuídos pelos quatro segmentos, enquanto que aquelas contaram apenas 65, ou 31,1% (gráfico 2):

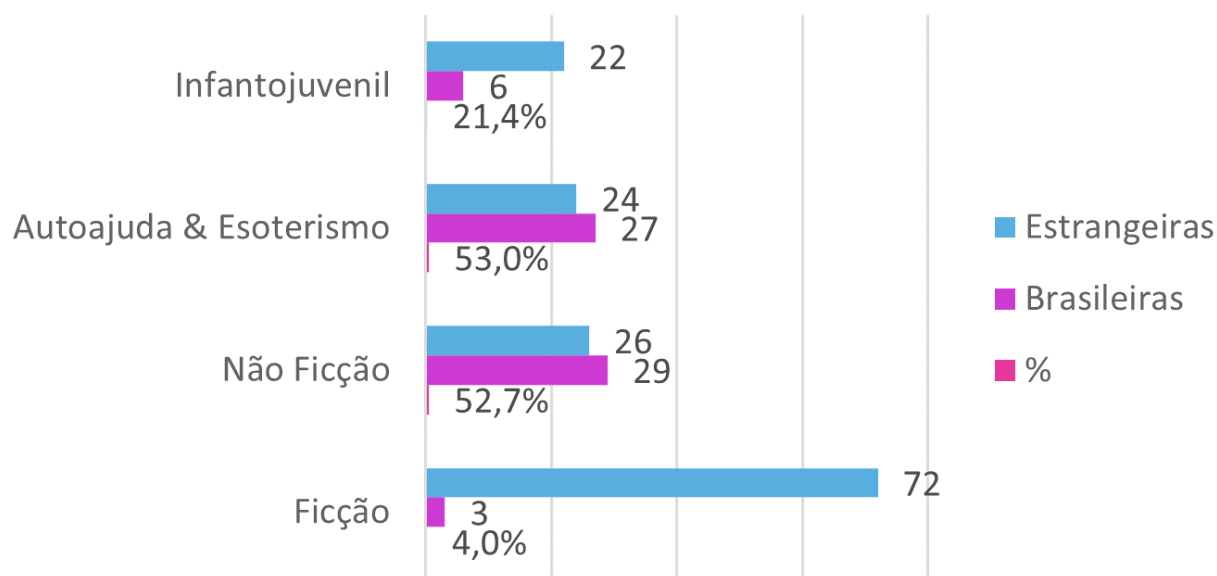
Gráfico 2 – Autoras brasileiras vs estrangeiras (2000-2020)



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Escritoras estrangeiras levam enorme vantagem sobre as brasileiras na categoria Ficção, onde emplacaram 72 títulos contra apenas 3 nacionais em 21 anos. O mesmo sucesso se observa em obras Infantojuvenis, onde alcançaram 22 posições contra 6. Autoras brasileiras, porém, têm uma leve vantagem nos segmentos de Não Ficção e Autoajuda e Esoterismo: no primeiro, conquistaram 29 contra 26 posições; no segundo, 27 contra 24 (gráfico 3):

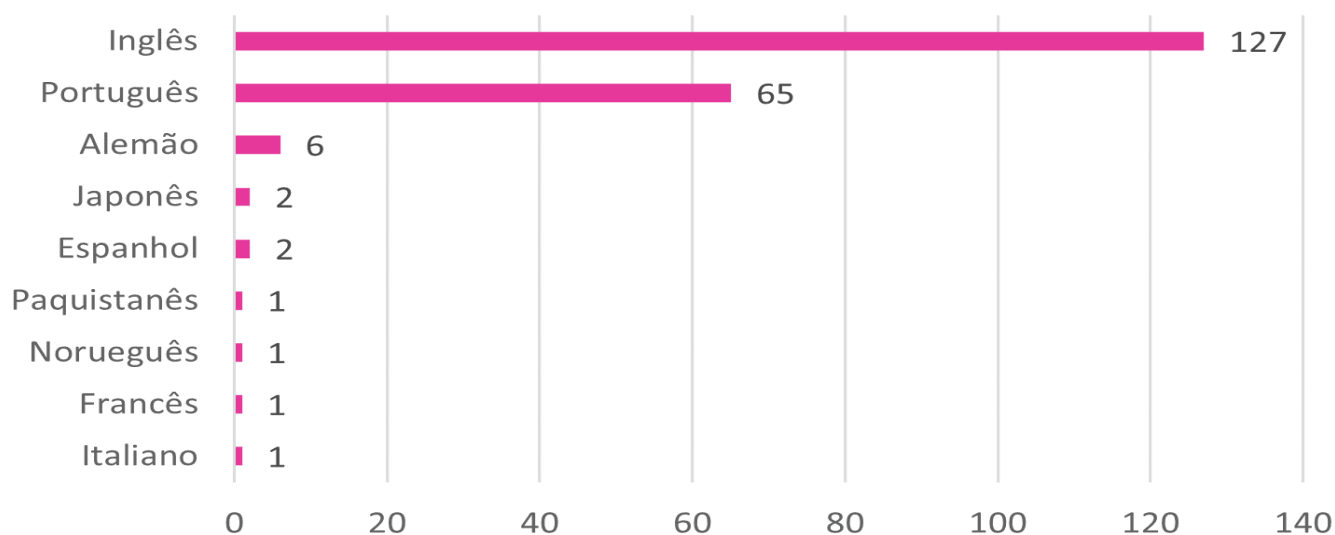
Gráfico 3 – Nacionalidade das autoras por categoria



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Não é de surpreender que o idioma que impera nos rankings seja o inglês (gráfico 4). Presença marcante no mercado editorial brasileiro, contam-se aos milhares os títulos vertidos anualmente para o português:

Gráfico 4 – Idiomas das autoras nas listas (F, NF, A&E, IJ)



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Basta uma rápida olhada na tabela 1, abaixo, para constatar essa hegemonia: as 10 primeiras posições de autoras mais vendidas em Ficção são ocupadas por falantes do idioma anglófilo. E elas respondem por 76% das entradas alcançadas por autoras nessa categoria, ou seja, 57 em 75 títulos.

Tabela 1 – Ranking das autoras nas listas

MULHERES + VENDIDAS (2000-2020)		
#	AUTORA	Entradas na lista
1.	J.K. Rowling	16
2.	E. L. James	11
3.	Stephenie Meyer	8
4.	Jojo Moyes	6
5.	Margaret Atwood	4
6.	Gayle Forman	3
7.	Rupi Kaur	3
8.	Thirity Umrigar	2
9.	Suzanne Collins	2
10.	Sylvia Day	2
11.	Veronca Roth	2
12.	Amanda Lovelace	2
13.	Sara Gruen	1
14.	Lya Luft	1
15.	Kiera Cass	1
16.	Clarice Lispector	1
17.	C. J. Tudor	1
18.	Marian Keyes	1
19.	Letícia Wierchowski	1
20.	Alice Sebold	1
21.	Melissa Panarello	1
22.	Isabel Allende	1
23.	Kate Mosse	1
24.	Kim Edwards	1
25.	Emily Brontë	1
26.	Paula Hawkins	1
TOTAL		75

Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Curioso observar que as autoras que ocupam os dois primeiros lugares nessa tabela grafam seus nomes apenas com iniciais: um sinal da discriminação que ainda sofrem para entrar no competitivo, e masculino, mercado editorial? Ou será que um nome neutro inspira mais respeito no campo literário?

A inglesa Joanne [Kathleen] Rowling, autora da saga mega-seller *Harry Potter*, em entrevista ao jornal inglês *Telegraph*, revelou ter sido orientada por seus editores da Bloomsbury a utilizar as iniciais e seu sobrenome para atrair o público infantojuvenil masculino, baseados no pressuposto de que garotos não se interessariam por um livro escrito por uma mulher. Usar uma identidade neutra “para fugir de uma leitura estereotipada sobre a escrita das mulheres” parece ter sido também a estratégia de outras duas inglesas: Erika Leonard James, autora da saga erótica *Cinquenta tons de cinza*, e Caroline Jane Tudor, #17 no ranking (tabela 1), que alcançou o sucesso com o suspense *O homem de giz*, obra que “acumulou mais de uma década de respostas negativas de editoras inglesas” até conseguir ser publicada (*O Globo*, 09.08.2019).

Falando em editoras, quais frequentaram as listas anuais da *Veja* entre 2000 e 2020? Em um levantamento geral, 35 casas (tabela 2) dividiram esse espaço, sendo que as 5 primeiras posições ficaram com as editoras Rocco, Intrínseca, Vida & Consciência, Sextante e Record, nessa ordem. A veterana Rocco, fundada em 1975, emplacou 39 posições; a ‘adolescente’ Intrínseca, nascida em 2003, participou com 36 obras; Vida & Consciência, criada em 1989, teve 21 títulos em 21 anos de ranking; já a Sextante, surgida em 1998, angariou 14 posições e foi seguida de perto pela octogenária Record, com 12.

Rocco e Intrínseca representam 48,1% dos títulos das 10 editoras com maior número de participação nas listas nesses 21 anos, ou seja, 75 obras. Muitas das quais compõem séries ou sagas de Ficção, como veremos adiante.

Dentre as 35 editoras com maior número de best-sellers femininos, 6 constaram em 3 categorias (Rocco, Intrínseca, Sextante, Ediouro, Objetiva e Paralela) e 5 em 2 (Record, Globo, Best Seller, Nova Fronteira e Seguinte). À exceção da Vida & Consciência, editora #1 em Autoajuda e Esoterismo e fundada por Zíbia Gasparetto para publicar sua obra espírita, as demais têm como linha editorial o foco em livros comerciais de grande apelo junto ao público.

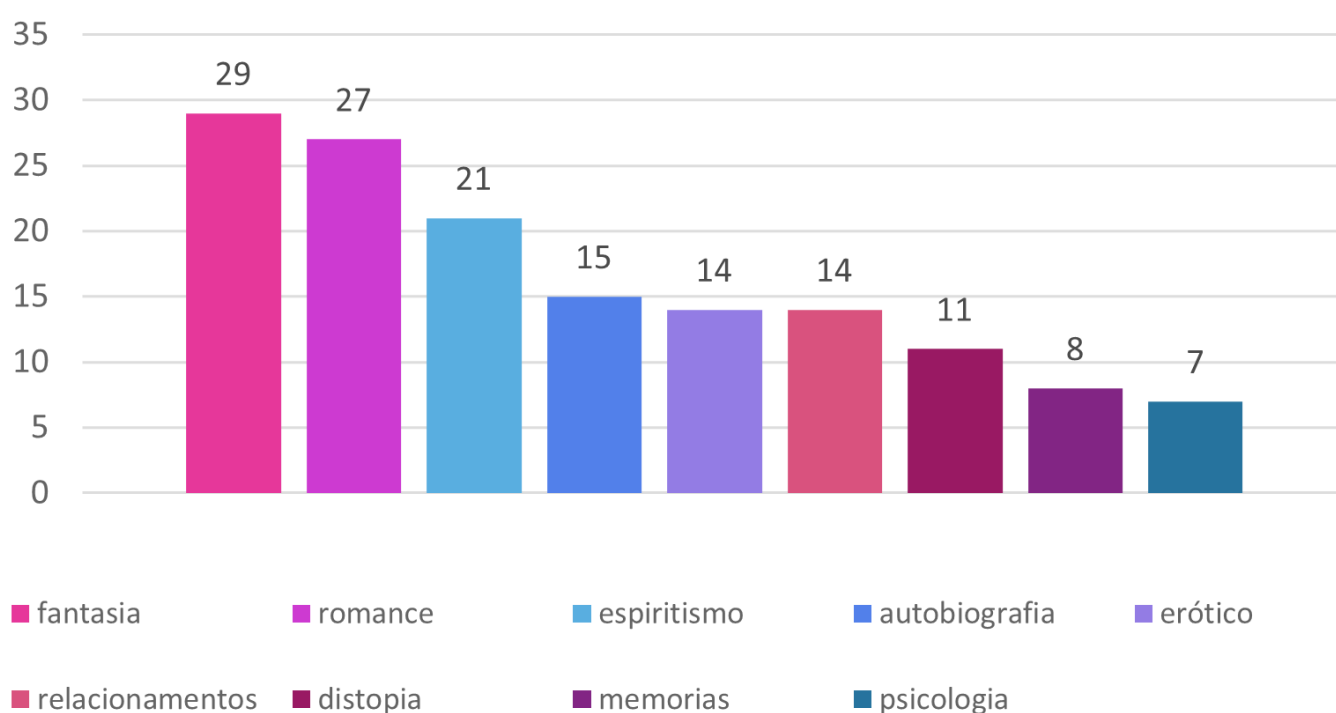
Tabela 2: editoras nas listas de mais vendidos (2000-2020)

EDITORAS EM FICÇÃO		EDITORAS EM NÃO FICÇÃO		EDITORAS AUTOAJUDA E ESOTERISMO		EDITORAS INFANTOJUVENIL					
1	Intrínseca	26	1	Record	10	1	Vida & Consciência	21	1	Rocco	11
2	Rocco	25	2	Objetiva	7	2	Sextante	11	2	Intrínseca	6
3	Bertrand Brasil	3	3	Globo	7	3	Intrínseca	4	3	Seguinte	3
4	Planeta	3	4	Companhia das Letras	6	4	Argov Books & Media	3	4	HarperCollins Brasil	3
5	Novo Conceito	3	5	Best Seller	4	5	Objetiva	2	5	Paralela	1
6	Leya	2	6	Principium	4	6	Alta Books	3	6	Única	1
7	Sextante	2	7	Primeira Pessoa	4	7	Ediouro	2	7	Gutenberg	1
8	Record	2	8	Rocco	3	8	Best Seller	1	8	Globo	1
9	Paralela	2	9	Panda Books	2	9	Lua de Papel	1	9	Novo Século	1
10	Ediouro	1	10	Paralela	2	10	Melhoramentos	1			28
11	Objetiva	1	11	Senac São Paulo	2	11	Agir	1			
12	Suma	1	12	Ediouro	1	12	Universo dos Livros	1			
13	Arqueiro	1	13	Sextante	1			51			
14	Principis	1	14	Nova Fronteira	1						
15	Nova Fronteira	1	15	L&PM	1						
16	Seguinte	1			55						
		75									209

Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Em um campo dominado pelos homens, quais histórias são importantes para escritoras e seus leitores? Com a ida da saga *Harry Potter* e títulos Young Adult para a coluna Infantojuvenil em 2016, a lista de Ficção passou a mostrar diversidade nas tramas que alcançaram o sucesso, chegando a elencar livros de poesia – um gênero bissexto nesse tipo de ranking – entre 2017 e 2019. Uma visão geral dos quatro segmentos mostra a preferência pela fantasia e pelo romance quando se trata de autoria feminina. Esoterismo, escritas de si, autoconhecimento e sexualidade também compõem o panorama sobre o que escrevem as mulheres (gráfico 5):

Gráfico 5 – Sobre o que escrevem as mulheres?



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Um inventário das obras publicadas em cada uma das quatro listas da *Veja* retrata os temas explorados pelas escritoras que alcançaram a preferência dos leitores. Passamos a tratar deles a seguir.

Mulheres em Ficção

Nesta categoria se concentra a maior participação de escritoras: 75 entradas em 210, o que corresponde a 35,7% do total dos best-sellers de Ficção. Quanto à colocação no decálogo, 60% desses 75 títulos se posiciona entre

os 5 primeiros lugares da lista, totalizando 45 obras. Em 2017, escritoras conquistaram 7 das 10 posições do ranking. Nenhuma das 3 brasileiras que entraram nas 21 listas anuais de Ficção, entretanto, alcançou o 1º lugar (2003: 4º e 7º; 2016: 9º).

Duas editoras dividem 68% das posições ocupadas por escritoras no segmento de Ficção: Intrínseca e Rocco, que participaram, respectivamente, com 26 e 25 títulos. Bertrand Brasil, Planeta e Novo Conceito contribuíram com 3 obras cada; Record, Leya, Sextante e Paralela com 2, e as demais 7 editoras presentes com 1 título cada. Dos 25 títulos da Rocco nesta lista, 16 foram da saga infantojuvenil *Harry Potter*, que estreou em 2000 com mais de 200 mil exemplares vendidos, uma marca “altíssima para os padrões brasileiros” da época (Veja, 10.01.2001, p. 135).

A forte presença de títulos infantojuvenis na lista de Ficção, durante 16 anos, resultou em distorções na apuração do gosto dos leitores brasileiros do gênero. Isso posto, ao se retirar *Harry Potter* da equação, a jovem editora Intrínseca, com apenas 17 anos de mercado, assume a dianteira entre as publicadoras de Ficção que mais “fizeram a lista” investindo em autoras, com 26 colocações, quase o triplo da segunda colocada. Esse resultado demonstra seu faro editorial para o sucesso, comprovado inclusive por sua 2ª posição no ranking geral de editoras de best-sellers femininos.

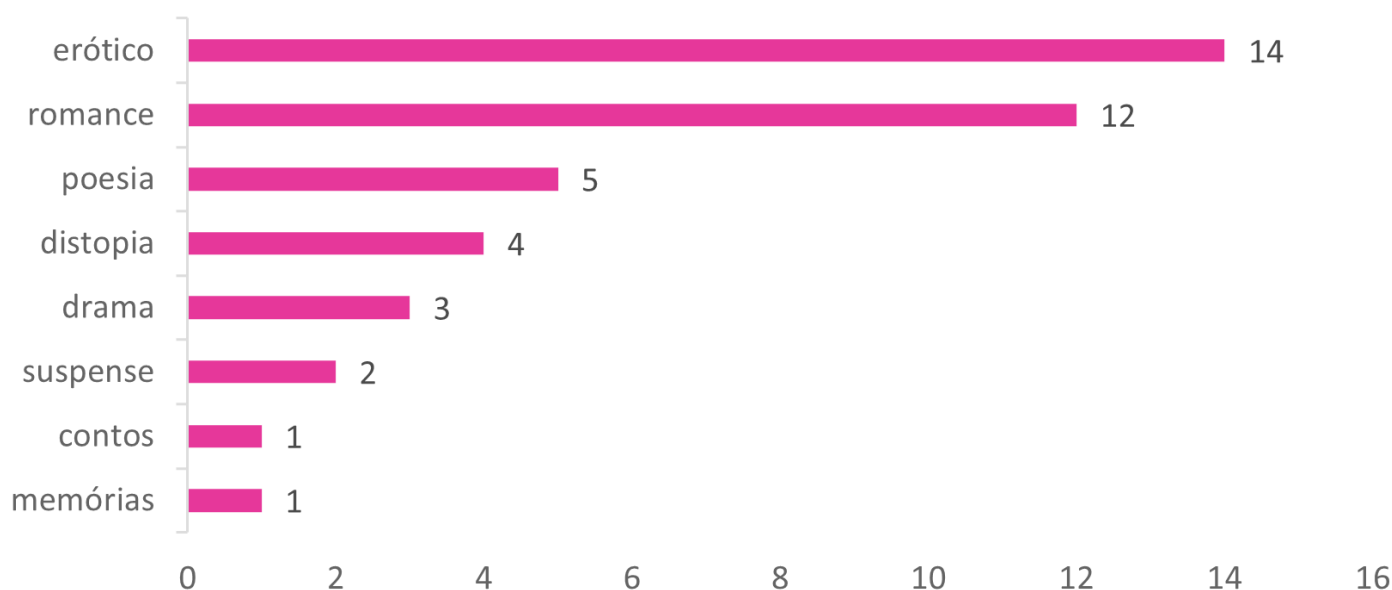
E sobre o que escrevem as mulheres em Ficção? Levando-se em conta que os títulos de fantasia (23%) pertencem integralmente à série *Harry Potter*, e que os de “romance” e “distopia” (29% e 10% respectivamente) compõem-se 50% de temática YA (young adult) – anomalias corrigidas com a inclusão de uma lista mais apropriada para essas categorias em 2016 –, os três gêneros (gráfico 6) que se destacam no segmento são erótico (19%), romance (7%) e poesia (4%).

Juntamente a E. L. James (saga *50 tons*) e Rupi Kaur (*Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*) e Amanda Lovelace (*A princesa salva a si mesma neste livro* e *A bruxa não vai para a fogueira neste livro*), Margaret Atwood, autora de *O conto da aia*, distopia de 1985 alçada à best-seller em novembro de 2017, trata de questões ligadas ao corpo, à sexualidade, e ao papel das mulheres na sociedade. Esses tópicos ressurgiram com força total com o movimento #metoo, mobilização contra o assédio sexual iniciada nos EUA em 2017, e em pauta desde 2012 em atos liderados por mulheres em diversas cidades do mundo. Lançada no Brasil pela Marco Zero em 1987, com o título *A história da aia*, foi reeditada

pela Rocco em 2017 como o título corrente, após virar série televisiva e chegar à lista do *New York Times*.

Quanto aos romances, os poucos exemplos restantes também lidam com temáticas em pauta atualmente, como amizade, sororidade, machismo, violência doméstica, negligência conjugal, dentre outros. Nessa linha, estão os quatro títulos de Jojo Moyes: *Como eu era antes de você*, *Depois de você*, *Ainda sou eu* e *A última carta de amor*.

Gráfico 6 – Mulheres em Ficção: temas



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Mulheres em Não Ficção

Segunda categoria onde se concentra o maior número de escritoras, aqui as brasileiras se sobressaem em relação às estrangeiras, ocupando 29 das 55 posições no ranking. Sua classificação também é alta entre os 10 primeiros nomes mais vendidos: 6 para 4. Ao longo de 21 anos, apenas 4 autoras chegaram ao 1º lugar nesta lista: Lya Luft (*Perdas e ganhos*; 2004), Elizabeth Gilbert (*Comer, rezar, amar*; 2009 e 2010), Anne Frank (*O diário de Anne Frank*; 2016) e, mais recentemente, Clarissa Pinkolas Estés (*Mulheres que correm com os lobos*; 2020).

Lançado em 1992, o livro alcançou o 7º lugar em Não Ficção da lista do NYT em 1993. Chegou ao Brasil também pela Rocco em 1994, que

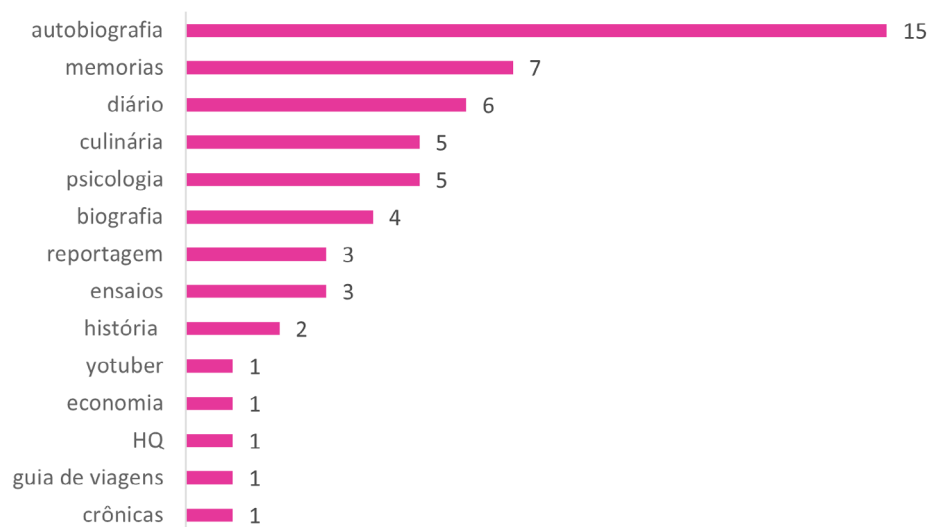
reeditou a obra, com novo projeto gráfico e capa dura, em setembro de 2018, entrando na lista da *Veja* em dezembro desse ano (*Veja*, 19.12.2018, p. 117), e passando nela 10 meses ininterruptos em 2020. Assim como os títulos de Ficção discutidos anteriormente, a obra de Pinkolas se beneficiou da ascensão da “quarta onda do feminismo” e do desejo de discutir pautas como “o sagrado feminino”. A Rocco, entretanto, não garantiu uma boa posição entre as editoras que fizeram a lista em Não Ficção, ficando em 8º, atrás da Record, Objetiva e da Globo, respectivamente 1º, 2º e 3º lugares. A lista de editoras, porém, mostrou uma diversidade semelhante à de Ficção, totalizando 15 nomes – alguns de selos editoriais, como a Primeira Pessoa, braço da Sextante (#13 no ranking) que publica biografias, autobiografias, relatos, depoimentos e livros-reportagem.

Outro aspecto a considerar neste segmento é o poder do “star system televisivo” (REIMÃO, 1996), expresso nos títulos lançados por apresentadoras com forte presença na tevê aberta e nos canais de assinatura: Ana Maria Braga, Bela Gil e Rita Lobo. Coincidentemente, as três assinam livros de culinária, conteúdo em alta tanto na mídia editorial quanto na televisiva.

E sobre o que escrevem as mulheres em Não Ficção? Autobiografia (27,3%), memórias (12,7%) e diário (10,1%), os três temas dominantes em 21 anos de best-sellers (gráfico 7). Aqui também a questão da sexualidade e da corporeidade foi representada. Dois títulos de memórias – *A vida sexual de Catherine M.* (C. Millet, 2002), e *Morri para viver* (Andressa Urach, 2015) – e uma autobiografia – *O doce veneno do escorpião* (Bruna Surfistinha, 2005-2006) – revelaram aos leitores brasileiros “confissões de alcova” repletas de erotismo, tradição literária ainda timidamente explorada pelo mercado editorial nacional. Um “domínio reservado aos homens”, como declarou Anaïs Nin (apud FIGUEIREDO, 2020, p. 303), essas narrativas em 1ª pessoa de corpos femininos erotizados – duramente censuradas pelo regime militar, mas não só nele – questionam a repressão da sexualidade das mulheres e fazem delas as donas do discurso sobre o seu próprio desejo.

É importante registrar que a presença de autobiografias de mulheres entre os best-sellers, temática rara no mercado editorial brasileiro, vem ganhando espaço e leitores, e viu os relatos de Malala, Rita Lee, Fernanda Montenegro e Michelle Obama se juntarem ao diário *hors-concours* de Anne Frank no segmento.

Gráfico 7 – Mulheres em Não Ficção: temas



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Mulheres em Autoajuda e Esoterismo

Da mesma forma que em Não Ficção, leitores brasileiros preferem autoras nacionais na hora de escolher seus títulos de Autoajuda e Esoterismo, coluna incorporada à lista de mais vendidos da *Veja* em 1999, por o gênero ter “crescido muito [e passado] a ocupar todo o espaço reservado a obras de ficção e não ficção” (GRAIEB, idem). Com 27 em 51 posições, as brasileiras têm uma leve vantagem sobre as estrangeiras: 53%.

Quanto às editoras, são 12 as dedicadas ao segmento, sendo a campeã, Vida & Consciência, devotada exclusivamente a obras na temática da espiritualidade. A editora Sextante, #2 no ranking com 11 títulos, encontra aqui o nicho no qual se especializou desde a sua fundação, em 1997: obras que guiam o leitor na “busca da felicidade e da realização pessoal”, conforme explicita em seu site. Bem posicionada, abarca os resultados das 4 editoras que se seguem, sendo a Intrínseca, editora que também investe no segmento, a #3 na lista, com 4 best-sellers.

Em Autoajuda e Esoterismo, diferentemente dos demais gêneros analisados neste levantamento quantitativo, aparecem obras de dupla – e tripla – autoria, assinadas por escritores e escritoras, a maioria sobre relacionamentos amorosos. Fato curioso é que, em todas as 10, o nome do autor é grafado primeiro: Allan e Barbara Pease; Robert Kyosaki e Sharon Lester; Deepak Chopra, Marianne Williamson e Debie Ford. Até mesmo o best-seller *O que toda mulher inteligente deve saber*, é assinado por Steve Carter e Julia Sokol (2008): exemplo do “papel de *ingénue*” de

que trata Solnit (2017) em *Os homens explicam tudo para mim?* Ainda sobre a relação entre homens e mulheres, a temática despertou grande interesse durante toda uma década (entre 2002 e 2011), produzindo títulos “provocativos” tirados de lugares-comuns e com grande apelo comercial, como o de Carter & Sokol, produzidos por autoras.

E sobre o que escrevem as mulheres em Esoterismo & Autoajuda? Espiritismo foi o tema que mais atraiu os leitores, dominando 41,2% do ranking. As 21 colocações, porém, pertencem exclusivamente a uma autora: Zíbia Gasparetto. Campeã de vendas, frequentou as listas de 2000 a 2011 ininterruptamente, reaparecendo em 2013, 2015 e 2016. Falecida em 2018, Zíbia teve uma carreira de 60 anos como escritora, publicando 41 títulos pela editora que criou em 1989, e alcançando 16 milhões de exemplares vendidos (*Istoé*, 21.01.2016).

Relacionamentos, educação financeira e organização da casa ocuparam 39,4% posições, sendo Isabela Freitas, Marie Kondo e Nathalia Arcuri autoras que iniciaram sua carreira no Youtube e se tornaram influenciadoras digitais, fenômeno que se refletiu nas listas a partir de 2014. A lista se completa com títulos sobre estilo e beleza, etiqueta e comportamento, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, educação dos filhos e dicas de saúde para adolescentes, totalizando 11,4% colocações. A diversidade faz desta categoria a mais eclética quanto aos interesses dos leitores (gráfico 8).

Outro ‘fenômeno’ que se manifestou em Autoajuda e Esoterismo foi a total ausência de autoras na lista de 2017, segmento no qual chegaram a ocupar 5 das 10 posições em 2015.

Gráfico 8 – Mulheres em Autoajuda & Esoterismo: temas



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Mulheres em Infantojuvenil

Apesar de ter a menor participação de escritoras nas listas de best-sellers, é significativo que, em apenas 5 anos (a coluna surgiu em 2016), o número de autoras nesta categoria corresponda à metade das entradas em Não Ficção: 28 e 55. Esse dado demonstra a potência da escrita feminina neste segmento.

De acordo com *Veja*, a coluna Infantojuvenil foi criada devido “à força que os livros para jovens vêm demonstrando no mercado brasileiro” (*Veja*, 04.01.2017, p. 97). Essa força, aliás, começou a se mostrar já no ano 2000, durante o qual três títulos de J. K. Rowling ‘fizeram a lista’ assim que lançados e dela “não saíram mais” (*Veja*, 10.01.2001, p. 135). Seu sucesso continuou em 2001, acrescido de um quarto título, situação que justificou o termo “latifúndio” com o qual foi chamada a invasão de *Harry Potter* à lista de Ficção (*Veja*, 26.12.2001, p. 43). O ano seguinte, marcado “por um certo marasmo”, viu repetir o fenômeno *Harry Potter*, que voltou a ocupar 4 posições no ranking (*Veja*, 25.12.2002, p. 133).

Sai o bruxo, entra o vampiro. *Crepúsculo* e *Lua Nova*, títulos YA da americana Stephenie Meyer, começaram sua conquista em 2008, com duas posições (ainda alocados em Ficção). Em 2009, ocupavam 4 lugares, tendo vendido 2,5 milhões de exemplares de uma série recheada de “romantismo descabelado” voltada para o público jovem feminino (*Veja*, 06.01.2010, p. 101).

Sai o vampiro e entra a distopia futurista. *Jogos vorazes* e *Em chamas*, de Suzanne Collins, foram os dois títulos YA de autoria feminina que ocuparam a lista de Ficção em 2012, recheada com outros cinco do gênero, escritos por um mesmo autor. O tema voltou em 2014 pelas mãos de Veronica Roth, criadora da série jovem *Convergente*.

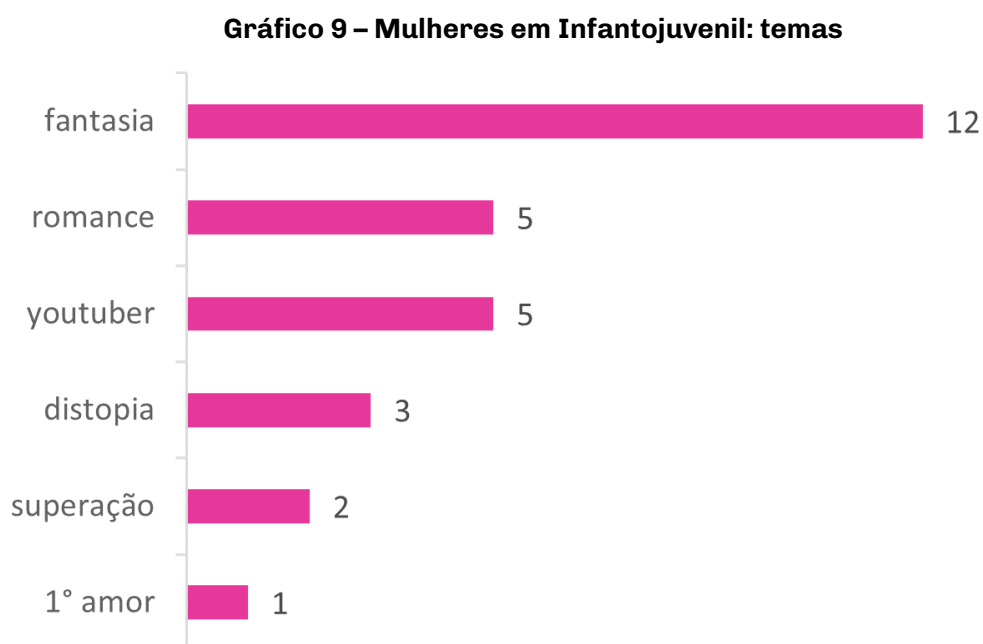
Em 2016, surge finalmente a quarta categoria – Infantojuvenil –, que teve, na sua estreia, a brasileira Larissa Manoela, “estrela adolescente de novelas do SBT”, como 1ª colocada, “super[ando] com o seu *Diário* até o fenômeno internacional J. K. Rowling” (*Veja*, 04.01.2017, p. 97). Ainda nesse ranking, metade dos colocados foi de escritoras, que focaram suas histórias no público de meninas, sendo o fenômeno “youtubers que lançam livros” responsável por dois desses títulos.

2017 viu nada menos do que 7 autoras fazerem a lista Infantojuvenil. Aqui, novamente, uma delas escrevendo sobre um protagonista masculino seguiu a “fórmula de sucesso” adotada por J.K. Rowling e assinou sua

estreia com as iniciais de seu nome: R. J. Palacio. A autora, nova-iorquina de origem colombiana, ficou em 3º lugar com sua história de superação baseada em fatos reais.

A força da escrita feminina se mostrou nas listas de 2019 e 2020, dominadas por mulheres, com 6 títulos em cada ano. Porém, nenhuma brasileira ficou entre essas 12. No geral (gráfico 9), fantasia (42,85%), romance (17,85%) e distopia (10,7%) atraíram a maioria dos leitores, sendo as editoras Rocco, Intrínseca e Seguinte as responsáveis pelos sucessos no gênero.

Vale lembrar que, neste gênero, duas escritoras brasileiras alcançaram o reconhecimento e a consagração no campo literário: Ruth Rocha e Ana Maria Machado, ambas laureadas nos principais prêmios nacional (Jabuti) e internacional (Ana Maria recebeu o mais importante deles, o Hans Christian Andersen), na categoria literatura infantil. Entretanto, apesar disso, ambas estão ausentes nas listas – e mesmo na capa – de *Veja*, fatos que dão sustentação à nossa hipótese.



Fonte: Dados coletados pela autora nas tabelas anuais de *Veja* (2000-2020)

Conclusão

Este artigo expôs o resultado de pesquisa quantitativa nas listas anuais de livros mais vendidos da *Veja* – ainda a “maior revista semanal [impressa] de informação brasileira”, apesar de ter perdido relevância para o grande

público nos últimos anos –, para dimensionar a presença de escritoras no ranking ao longo de 21 anos. Nossa conclusão é que, se as listas de mais vendidos chegaram à maioria no terceiro milênio, o mesmo não se pode dizer da presença de escritoras em nenhuma das quatro categorias contempladas: ficção, não ficção, autoajuda e esoterismo, e infantojuvenil.

Como indicador do comportamento do campo literário brasileiro de best-sellers nos últimos 21 anos, os resultados encontrados nos levaram a deduzir que nosso mercado editorial é, ainda, predominantemente masculino. Em um universo de 54,2 milhões de leitoras, segundo dados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil 2019*, somos pouco representadas tanto na profissão de escritoras quanto nas histórias que são publicadas pelas maiores casas editoriais do país, numa evidente desigualdade de gênero no universo artístico e criativo.

Os dados coletados no corpus de listas de best-sellers da *Veja* são a ponta do iceberg de um cenário que precisa ser investigado amplamente, e a fundo. Mesmo hoje, o sucesso de livros escritos por mulheres, é considerado “sorte” pelos agentes do campo editorial, habitado majoritariamente por editores, críticos literários, donos de conglomerados de mídia, redatores, donos de livrarias, donos de gráficas e donos de distribuidoras. É necessário que se pesquise mais sobre as mulheres que fizeram e fazem o mercado editorial. É necessário que se escrevam e publiquem mais livros *de e sobre* mulheres, sobre o que queremos, o que valorizamos, o que nos faz seguir pelo mundo. É necessário, enfim, que conquistemos um espaço igual de expressão. Somos a maioria da população brasileira, somos a maioria enquanto leitoras; em pleno século XXI, é inaceitável que a literatura ainda não tenha ‘cara de mulher’.

Referências

- ARCHER, Jodie; JOCKERS, Matthew. *O segredo do best-seller: tudo o que você precisa saber para escrever um campeão de vendas*. Bauru, SP: Alto Astral, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BRITO, Carlos. C.J. Tudor, que vem à Bienal do Rio, lembra 10 anos de recusa de editores e insistência antes do best-seller ‘O homem de giz’.

- O Globo*, 09.08.2019. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/08/09/cj-tudor-que-vem-a-bienal-do-rio-lembra-10-anos-de-recusa-de-editores-e-insistencia-antes-de-best-seller-o-homem-de-giz.ghml>. Acesso em 18 fev. 2021.
- GRAIEB, Carlos. O que lê o país. *Veja*, 15.12.1999. Disponível em <https://veja.abril.com.br/acervo/#/editions>. Acesso em: 31 out. 2018.
- KORDA, Michael. *Making the list: a cultural history of the american bestseller (1900-1999)*. NY: Barnes & Noble, 2001.
- LOES, João. A senhora dos espíritos. *Istoé*, 21.01.2016. Disponível em https://istoe.com.br/302900_A+SENHORA+DOS+ESPIRITOS/. Acesso em 24 jan. 2021.
- PUBLISHNEWS. “IBGE aponta que no Brasil tem mais municípios com videolocadoras do que com livrarias”. Disponível em <https://www.publishnews.com.br/materias/2019/12/09/ibge-aponta-que-no-brasil-tem-mais-municipios-com-videolocadoras-do-que-com-livrarias>. Acessado em 23 mai. 2021.
- REIMÃO, Sandra. _____. Mercado editorial brasileiro (1960-1990). São Paulo: Com Arte / FAPESP, 1996.
- SAVILL, Richard. Harry-Potter and the Mystery of JK’s lost initial. *The Telegraph*. 19.07.2000. Disponível em <https://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1349288/Harry-Potter-and-the-mystery-of-JKs-lost-initial.html>. Acesso em 18 fev. 2021.
- SILVEIRA, Maria José. Mulheres no mercado editorial. *PublishNews*, 04.11.2015. Disponível em <https://www.publishnews.com.br/materias/2015/11/04/mulheres-no-mercado-editorial>. Acessado em 14 fev. 2021.
- SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017. p. 11-28.
- SNEL (Brasil). Retratos da leitura no Brasil - 2019. 5ª edição. 11 de setembro de 2020. Sindicato Nacional dos Editores de Livros ; Instituto Pró-Livro ; Itaú Cultural. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2020/11/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.
- VEJA. Acervo digital revista *Veja*. Disponível em <https://veja.abril.com.br/acervo/#/editions>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Sites:

<https://www.nobelprize.org/>

<https://www.premiojabuti.com.br/>

<https://sextante.com.br/editora-sextante/>